

A Universidade e Cipião, O Africano

Revista Crítica de Ciências Sociais
N.º 27/28
Junho 1989

A Universidade moderna é o fio que tece os artigos e comentários incluídos neste número da *Revista Crítica de Ciências Sociais*, um fio que consabidamente pertence a um novelo mais antigo, dobrado em cidades obscuras, antigas, clássicas. Aliás, a acreditar no historiador Políbio e no filósofo Panécio, se à universidade fosse dado nome de homem, esse teria de ser o de Cipião, O Africano, vencedor de Cartago e de Numância. De Cipião se contam as artes de transformar o ócio em ilustração e a ilustração em acção. Ninguém melhor que ele sabia aproveitar os tempos vagos que lhe deixavam os afazeres militares. Entre a guerra e a paz, entre as armas e o estudo, exercitava o corpo nos perigos e cultivava o espírito nas ciências. Cícero garante-nos que ele trazia sempre nas mãos as obras de Xenofonte: *Africanus semper socraticum Xenophontem in manibus habebat*.

A ilustração não o estorvava enquanto pelejava. E quando repousava? Não seria o ócio dedicado à ilustração um ócio trabalhoso e, portanto, uma *contradictio in adjecto*? De modo nenhum. Pelo contrário, o ócio sem ilustração, sem o exercício

das belas letras e das belas artes é que seria mortal ou, pior do que isso, a sepultura do homem vivo. É Séneca quem no-lo afirma com toda a sua autoridade: *Otium sine litteris mors est, et hominis vivi sepultura.*

A ideia da íntima relação entre o sucesso na acção e o sucesso na ilustração é uma constante do pensamento ocidental. Está bem presente, por exemplo, no texto de Plutarco em que narra a célebre vitória de Paulo Emilio sobre Perseu, o último rei da Macedónia. Paulo Emilio fez educar os seus filhos pelos melhores mestres da língua grega, da retórica e da dialéctica, ao mesmo tempo que os fez instruir nas artes militares. Ao vencer Perseu, não se interessou minimamente pelas riquezas imensas que encontrou; apenas permitiu aos seus filhos, eles próprios devotados amantes das letras, que pilhassem os livros da biblioteca do rei da Macedónia.

O sucesso militar é sublinhado pelo sucesso da ilustração. Mais tarde, o sucesso militar é substituído pelo sucesso cívico, profissional. Na primeira metade do séc. XVIII, Charles Rollin, insigne e perseguido lente da *almae universitati parisiensi*, dedica ao elogio das virtudes utilitárias do saber o *discours préliminaire* do tomo primeiro do seu «*Traité des Études: De la Manière d'Enseigner et d'Etudier les Belles-Lettres par Rapport a l'Esprit et au Coeur*»: *Lorsque, dans de certaines occasions d'éclat, et dans des places distinguées, on voit un jeune magistrat, cultivé par les belles-lettres, s'attirer les applaudissements du public, qui est le père qui ne désirât pas un tel fils? et qui est le fils un peu sensé qui ne désirât pas un tel succès?*

A ideia de que a acção e a ilustração se citam mutuamente constitui, pois, um dos *topoi* mais universais da nossa cultura. A variação no seu uso, tão cara à retórica aristotélica, está entre os que privilegiam a acção enquanto citação da ilustração (*topos mentalis*) e os que privilegiam a ilustração enquanto citação da acção (*topos experimentalis*). Nesta variação, a universidade tem-se deixado assombrar pelo fantasma das mãos de Cipião, freneticamente divididas entre o manejo agressivo

das armas e o manejo suave dos livros de Xenofonte. Isto, sobretudo, porque no tempo de Cícero ainda não tinha sido inventado o tropo poético de *numa mão, a espada, noutra a pena*. Dilacerada neste dilema, a universidade tem privilegiado o *topos mentalis*, dedicando-se ao manejo dos livros com total propósito e intencionalidade e assumindo os riscos do negligente manejo das armas, sempre na esperança de que as deficiências do desempenho neste domínio lhe sejam perdoadas por comprovada falta de dolo.

7

No fundo, a universidade aspira a que a sociedade diga dela o que Augusto disse do capitão que o acompanhava no passeio pelos jardins do palácio. Ao ver que um javali corria para eles, o capitão ficou tão tranzido de medo que fugiu instintivamente para um lugar seguro, expondo assim o Imperador a um perigo redobrado. Foi uma infracção objectivamente séria, mas Augusto preferiu avaliá-la exclusivamente pelo lado da intenção e desculpou o capitão, comentando num jeito de zombaria: *Rem non minimi periculi, quia tamen fraus aberat, in jocum vertit*.

A autoridade de Augusto é, pois, o pressuposto oculto do jogo de citações entre ócio e acção e entre acção e ilustração, em que a universidade é felizmente tão exímia. A universidade é, acima de tudo, uma longa citação de si mesma, um pensamento que se cita a si próprio tão completamente que chega a pensar que é citação o que deveras pensa.

Boaventura de Sousa Santos